

Estudo da Polissemia: Uma Questão Lingüística

**Eliane Gisela Buzatto e
Silvana Regina Marcon ⁴**

Nosso propósito neste trabalho é abordar a questão do significado, numa tentativa de elucidar aspectos lingüísticos com relação à polissemia, especificamente. Para tanto, levamos em consideração os seguintes pressupostos:

- os fundamentos de natureza semântica nas gramáticas tradicionais são insuficientes,
- o predomínio de concepções formalistas de linguagem, em detrimento de abordagens que exploram as questões de sentido, tem gerado um processo de exclusão de práticas de análise semântica nos currículos escolares;
- a lacuna existente no processo ensino-aprendizagem no que se refere a concepções de uma teoria que leve em consideração aspectos semânticos da linguagem, em diferentes situações de comunicação;

⁴ Especialistas em Língua Portuguesa.

- a carência de uma reflexão crítica sobre a literatura polissêmica, à luz da Lingüística Textual, que verifica a relação da linguagem (do texto) com o contexto histórico-social, de acordo com suas condições simbólicas (lingüísticas) e imaginárias (ideológicas) de produção;
- a contextualização da leitura conduz os alunos à reflexão das questões de poder, das relações sociais, das formações ideológicas, o que possibilita uma produção de sentidos relacionados entre si e não em sentido único como produto, mas uma múltipla significação.

Diante disso, analisaremos o conceito de homonímia e polissemia, em diversas gramáticas, por diversos autores e, embasados na Lingüística Textual, reelaboraremos o conceito polissêmico. Por fim, é nosso objetivo também motivar reflexões que iluminem a construção de uma prática eficaz, onde o saber seja instrumento de compreensão e transformação da realidade.

1. - Levantamento e análise dos conceitos de homonímia e polissemia nas gramáticas tradicionais (GTs)

1.1 - Considerações preliminares

" O que constitui a originalidade e a força da linguagem humana é o fato da palavra poder figurar em vários contextos.

A língua dos homens difere essencialmente da animal, pois, os elementos desta não são combináveis uns com os outros.

As palavras da linguagem humana, pelo contrário, entram numa série de construções que podemos variar segundo nossa vontade ou nossa fantasia; um numero de elementos léxicos, assaz restrito, pode, assim, bastar para dizer o que se deseja" (Meillet, Antônio, apud Madre Olívia e outros, 1985, p. 23).

Como seria, então, uma "boa" gramática do português? Idealmente, ela deveria desempenhar a contento duas funções: (a) descrever as formas da língua (isto é, sua fonologia, sua morfologia e sua sintaxe), e (b) explicar o relacionamento dessas formas com o significado que veiculam. A relação entre o aspecto formal e o aspecto semântico da linguagem estaria, portanto, entre os principais objetivos para a elaboração de uma boa gramática.

Nossa pesquisa, realizada em várias Gramáticas Tradicionais⁵, permitiu a identificação dos aspectos e enfoques dispensados à **homonímia** e à **polissemia** ou, segundo Madre Olívia, à **polissemia e/ou homofonia**⁶ (1985, p.29).

Objetivamos, por conseguinte, deixar claro em que se igualam ou se diferenciam os conceitos gramaticais a respeito do assunto, já que, no plano sincrónico, polissemia e hominímia podem facilmente ser confundidas. Pretendemos, após estudos e análise comparativa, chegar à nossa própria concepção, base de nossa proposta metodológica.

⁵ O levantamento e a tabulação dos conceitos sobre homonímia e polissemia foram trabalhados em conjunto com a Prof.^a Ophelia Sumpta Buzzato Paetzold.

⁶ A homonímia perfeita se dá nos casos de homofonia. e não no caso de homografia, pois a mesma permite marcar uma relação de diferença entre os significados.

1.1.1 - Conceito segundo Evanildo Bechara (1970)

a) Homonímia:

*"E o fato de haver vocábulos que se pronunciam da mesma maneira, mas que têm sentidos diferentes. Podem ter ou não a mesma grafia. Os que se pronunciam da mesma maneira são **homófonos**, e os que se grafam igualmente dizem-se **homógrafos**, **lima**: a) fruto, b) ferramenta; **nora**: a) a mulher do filho em relação aos pais dele, b) aparelho para tirar água dos poços, rios, etc. **coser**: costurar, **cozer**: cozinhar; **espiar**: olhar, **expiar**: pagar uma pena; **seção**, **secção**: divisão, repartição, parte de um todo; **sessão**: reunião; **cessão**: ato de ceder"* (p. 344)

a) Polissemia:

"Semântica é o estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido por que estes mesmos vocábulos passam. No decorrer da história nem sempre o vocábulo guarda seu sentido etimológico. Por diversos motivos o vocábulo passa além de sua significação e assume novos valores. A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das idéias e dos sentimentos. Entre as idéias e os sentimentos não há separação absoluta, é por isso que as associações se estabelecem. Exemplo: vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo, de estanho, ou de ouro,

*finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pode-se, assim, dizer com propriedade e clareza uma folha de estanho, de ouro, de papel, etc. Outra associação, posterior à presente, deu-se ao vocábulo folha com o sentido bem elástico de jornal; uma folha diária. O vocábulo coração serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta (coração de melancia), ou serviu como a essência de um assunto: "está no coração da questão", como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo do nosso ser; "esse homem não tem coração". Todas essas associações dão origem ao que se chama em literatura, imagens. Entre as causas que provocam a mudança de significação dos vocábulos as principais são: a) **Metáfora** - transladação de sentido por comparação mental. Exemplo: cabelos de neve; pesar as razões; negros pressentimentos; doces sonhos, b) **Catacrese** - empregos de expressões por não haver termos próprios para designar certas partes. Exemplo: boca do estômago; dentes do garfo ,etc. c) **Metonímia** -transladação de sentido pela proximidade de idéias" (p.344).*

Quanto à **homonímia**, Bechara apresenta um conceito bastante limitado, o mesmo não ocorrendo com a **polissemia**, na qual se percebe sua preocupação em evidenciar a evolução histórica das palavras, quando as mesmas vão adquirindo significados diferentes.

A par dos novos valores que destaca para o vocábulo, no decorrer da história, refere a significação das palavras a idéias e a sentimentos, bem como aponta figuras de linguagem como causas de mudanças de significações.

1.1.2 Conceito segundo J. Mattoso Câmara Jr. (1978)

a) Homonímia

"É a propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica: os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e

*subordinados ao mesmo tipo de acentuação. Exemplos: a) um homem são; b) São Jorge; c) são várias as circunstâncias. A homonímia é assim nas línguas uma deficiência do princípio geral da distinção fonológica como base da distinção formal. Ela é possível sem prejuízo da comunicação lingüística em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com são nos exemplos dados. Como a significação lingüística envolve sempre a polissemia, a descrição lingüística tem de saber distinguir entre a polissemia de uma forma e a homonímia de duas ou mais formas. Há, para isso, dois critérios: 1) **diacrônico**, que considera homônimas apenas as formas convergentes da gramática histórica; exemplo: **são** - lat. **Sunt**, **sanu**, port. **santo** em próclise; 2) **sincrônico**, que considera homônimas as formas fonologicamente iguais, cujas significações não se consegue associar num **campo semântico** definido; o que nem sempre é consequência de se tratar de formas convergentes (exemplo: **cabo**: - "acidente geográfico"; **cabo** - "posto militar"; lat. **Caput**). São, por outro lado, necessariamente homônimas as formas fonologicamente iguais que representam diferentes classes de vocábulos (exemplo: **alimento**, substantivo. - **alimento**, forma verbal" (p 139).*

b) Polissemia

"Propriedade da significação lingüística de abarcar toda uma gama de significações que se definem e precisam dentro de um contexto. Convém não confundi-la com a homonímia, embora a distinção às vezes seja lábil (Ulmann, 1952, p. 180). Todas as formas da língua apresentam polissemia, que se refere tanto à significação gramatical ou interna (como nas preposições, nas conjunções, nas flexões, etc), como à significação externa concentrada nos semantemas e caracterizadora das palavras, mas há casos extremos que principalmente chamam a atenção na descrição lingüística, conforme preposição a - ir a Lisboa, andar a pé, falar a Pedro, ou andar em - andar a largos passos, andar de automóvel, andar doente. As correspondências de formas, de uma língua a outra, nunca se mantêm

em todo o campo polissêmico que cada forma na sua língua abrange, o que complica a técnica de fatura do dicionário bilingüe e a tradução de língua a língua. A metáfora e a metonímia ainda tornam mais complexa a polissemia de cada forma lingüística" (p 194)

Confrontando os conceitos de Mattoso Câmara Jr. acerca de hominímia e polissemia, percebe-se que ele dá ênfase à diacronia ou critério etimológico, mas, ao conceituar polissemia, o problema se complica, pois nem sempre é possível especificar os étimos com exatidão, devido à falta de documentação inerente.

Por isso, uma questão se torna necessária: até que ponto se teria homonímia e onde começa a polissemia?

O autor acha vantajoso introduzir considerações diacrônicas na descrição sincrônica, reconhecendo que, ainda assim, a diacronia falha na descrição sincrônica. Aponta para esta situação com o melhor critério (sintático), a distribuição das formas, a saber:

- a) distribuição igual indicaria polissemia: cabo, com seus vários significados, tem sua distribuição como substantivo, sendo, conforme a frase, classificado tanto como sujeito, quanto como objeto,
- b) distribuição sintática, indicaria homonímia: canto (o canto = substantivo), (eu canto = forma verbal)

Tal critério é válido para distinguir funcionalmente polissemia de homonímia, mas não contribui para resolver os problemas semânticos envolvidos.

1.1.3 Conceito segundo Enéas Barros (1985)

a) Homonímia:

E o **fenômeno semântico** que consiste no fato de dois ou mais conteúdos diferentes serem recobertos pela mesma forma lingüística. E o caso de **manga** associado tanto ao conteúdo "parte da roupa que cobre o braço" quanto ao conteúdo "fruta tropical", sem que haja um único **sema** em comum dentre os

dois **sememas**. Ocorre **homonímia** quando palavras de origem diversa, por força da evolução fonética, coincidentemente assumem a mesma forma, mantendo, porém, o significado de origem de cada uma das formas resultantes. Assim, **sanctum** (adjetivo) - **são** (adjetivo: de santo), **sanum** (adjetivo) - **são** (adjetivo: de sadio); **sunt** (verbo) - **são** (verbo ser). Tenha em vista que na homonímia estão presentes duas ou mais formas fonológicas cujas significações, entretanto, não se associam. Há coincidência fonológica, mas se distribuem no contexto e na classe gramatical. Exemplo: "**Serão** eles capazes de fazer **serão** todos os dias do mês? São homônimas as palavras que se aproximam em seus significantes prosódica ou graficamente. Daí os diferentes tipos de homônimos: 1) **homógrafos**: identidade prosódica e diferença fonética. Exemplos: **almoço** (substantivo) - **almoço** (verbo), **apoio** (verbo) - **apoio** (substantivo), **forma** (ô) - **forma** (ó): **pêlo** (substantivo) - **pelo** (verbo) - **pelo** (contração). 2) **Homófonos**: identidade prosódica e diferente significante. Exemplos: **cegar** (não ver) - **segar** (cortar), **cela** (pequeno quarto) **sela** (arreio); **concerto** (sessão musical) - **conserto** (remendo); **paço** (palácio) - **passo** (caminhar). 3) **homófonos-homógrafos**: identidade prosódica e gráfica. Exemplos: **andamos** (presente) - **andamos** (perfeito do verbo andar), **cedo** (advérbio) - **cedo** (verbo ceder); **leve** (adjetivo) - **leve** (verbo levar); **luxo** (ostentação) - **luxo** (verbo luxar); **são** (de santo) - **são** (sadio) - **são** (verbo ser). Os limites entre a homonímia e a polissemia são imprecisos e arbitrários. A polissemia consiste na analogia parcial entre sememas revestidos pela mesma forma, como acontece com **capa** (de livro ou peça de vestuário), **leito** (cama e fundo de rio)" (p.357).

b) Polissemia:

"A polissemia ocorre quando um só significante assume vários significados. Em outros termos, a mesma palavra é dotada de vários significados, que, todavia, dependem sempre do

contexto. A polissemia é uma relação exclusivamente **sincrônica**. Decorre de necessidade irremovível para a comunicação de uma idéia, uma vez que nenhuma língua possui palavra especial para cada signo. A língua obedece, através da polissemia, ao princípio da economia; ela reaproveita várias vezes o mesmo signo, fazendo variar-lhe o significado. É a **polissemia** responsável por muitos casos de **ambigüidade**, quando não distribuídos no contexto meios que permitam esclarecer o sentido da palavra polissêmica. Exemplo: Se digo pura e simplesmente "comprei um pente" - ocorre a ambigüidade. Se, porém, digo: "comprei um pente para minha arma" obviamente tal objeto não servirá para pentear os cabelos. Em frases como "O **papel** que desempenhei na peça foi dos mais difíceis"; "Deu um **furo** na primeira página do jornal", "Estava vários **furos** acima dele", o significados das palavras **papel** e **furo** estão definidos pelo contexto. Em resumo, **polissemia** consiste na propriedade de um **significante lingüístico** aceitar **dois ou mais significados**, só definíveis pelo contexto" (p. 359).

Barros estuda os homônimos como fenômeno semântico, atribuindo à evolução fonética a mesma forma de dois ou mais conteúdos diferentes que mantêm seus significados distintos. Quanto à polissemia, considera-a como a multiplicidade de significados de uma palavra. Para ele, as línguas não possuem termos especiais para cada signo, obedecendo, então, ao princípio da economia, reaproveitando várias vezes o mesmo termo. Menciona a ambigüidade como caso de polissemia, cabendo ao contexto resolver esta situação.

Barros define, então, como arbitrários e imprecisos os limites entre **homonímia** e **polissemia**.

1.1.4. Conceito segundo Rocha Lima (1985)

a) **Homonímia:**

"Outro fator de perturbação da boa escolha das palavras é a existência de **homônimos**. A rigor, só deveriam ser considerados como tais aquelas palavras que, tendo origem diversa, apresentassem a mesma forma em virtude de uma coincidência na sua evolução fonética. No entanto, sem cogitar da origem das palavras, costuma-se entender sob esta designação todas as palavras que, possuindo forma idêntica, designem coisas distintas. Exemplo: **cabo** (posto militar), **cabo** (acidente geográfico), **real** (verdadeiro). **Real** (de rei). Há homônimos que, apesar de terem as mesmas vogais e consoantes, se escrevem diferentemente. Exemplos: espíar e expíar; coser e cozer, bucho e buxo; insípiente e incípiente; sessão, seção e cessão; maça e massa, taxar e tachar, etc Estes chamam-se especialmente **homófonos**" (p. 451).

b) Polissemia:

"No âmbito puro da denotação, é preciso levar em conta a polissemia - vale dizer a multiplicidade de sentidos imanentes em toda palavra, de que resulta que a sinonímia depende fundamentalmente do contexto. Observam-se os variados sentidos de romper, nas frases abaixo: **rompeu** a roupa no arame farpado (**rasgou**), **rompeu** um segredo (**revelar**), **romperam** as músicas (**princiaram**); o senador **rompeu** com o Governo (**brigou com, desligou-se de**), a cavalaria **romperá** as hostes inimigas (**destróçará**). Ou os do adjetivo grave em: doença **grave** (**séria, capaz de ocasionar a morte**), voz **grave** (**baixa**), vocábulo **grave** (**paroxítono**); homem de aspecto **grave** (**circunspecto, sisudo**)" (p. 449).

Rocha Lima considera a parte da significação de uma palavra que diz respeito à função representativa da linguagem, a denotação, aquela outra, referente - segundo este gramático - à capacidade dela para funcionar como exteriorização psíquica, ou apelo, é a conotação.

"Não é difícil concluir que o exame da conotação se situa na área da Estilística, e só se precisa no contexto" (Lima, 1985).

Tanto homonímia como polissemia são conceituadas por esse gramático, com muitos limites, colocando, tanto uma quanto a outra, em alguns fatos (pontos) da Estilística Léxica, considerando a denotação e a conotação para a significação dos mesmos.

1.1.5 Conceito segundo Luiz Antônio Sacconi (1986)

a) Homonímia:

"Particularidade de duas ou mais palavras possuírem identidade de sons ou de forma, mas diversidade de significado. Assim, as palavras homônimas podem ser homófonas (acento/assento, concerto/conserto), **homógrafas** (pode/pôde, olho/olho - verbo e substantivo) e **perfeitas** (rio/rio - verbo e substantivo, são/são/são -verbo, adjetivo e substantivo). No campo diacrônico, faz-se distinção entre homonímia e polissemia. Por diacronismo **só há homonímia** quando uma palavra possui vários significados, mas resulta de vocábulos distintos. Exemplo: rio - provém de **rivu** (substantivo latino) ou de **rideo** (verbo latino), **são** - provém de **sunt** (verbo), **sanu** (sadio) e **sanctu** (santo)" (p.352).

b) Polissemia:

"Há polissemia quando uma palavra adquire **multiplicidade de sentido**, que se explica dentro de um **contexto**, neste caso, trata-se realmente de uma única palavra, que abarca grande número de acepções dentro do seu próprio campo semântico. Observe a multiplicidade de sentidos do verbo fabricar nestas frases: **fabricar** balas (**manufaturar**); **fabricar** ninhos (**construir**), **fabricar** advogados (**engendrar**), **fabricar** moedas (**cunhar**), **fabricar** a própria desgraça (**maquinar**, **preparar**), **fabricar** um ídolo (**inventar**) (...) Exemplo do adjetivo fino: voz **fina** (**aguda**), lâmina **fina** (**afiada**); livro **fino** (**que não é grosso**), homem **fino** (**educado**), ambiente

fino (seleto), vinho fino (excelente), fino acabamento (apurado)" (p.353).

Sacconi (1986, p. 353) também considera as conjunções **que, se, como, porque, porquanto** como polissêmicas, ora aparecendo com um valor, ora com outro, dependendo do contexto de seus usos.

As **catacreses**, como **barriga** da perna, **céu** da boca, **dente** de alho são apontados pelo autor como exemplos típicos de polissemia.

Referindo-se à conotação, Sacconi afirma:

"É a propriedade que possui uma palavra de ampliar-se no seu campo semântico, dentro de um contexto, podendo causar várias interpretações. O autor de uma obra literária dela se vale para criar uma realidade imaginária. Exemplo: As **estrelas** do cinema. O jardim **vestiu-se** de flores O **fogo** da paixão" (p.353).

Sacconi faz a distinção entre homonímia e polissemia referindo-se ao número de palavras que se envolvem na significação. Não expressa, contudo, com quem se relacionam as homônimas, como enfatiza as palavras polissêmicas que adquirem vários significados no contexto.

Sacconi não avança quanto à polissemia, na abrangência do contexto. Entretanto, seus exemplos permitem maior compreensão de seus conceitos.

1.1.6 Conceito segundo Domingos Paschoal Cegalla (1993)

a) Homonímia:

"Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia e, às vezes, a mesma grafia, mas significação diferentes. Exemplos: **são** (sadio), **são** (verbo ser) e **são** (santo); **aço** (substantivo) e **asso** (verbo). Só o contexto é que determina a significação dos homônimos. A homonímia pode ser causa de ambigüidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas. O que mais nos impressiona nos homônimos é o seu aspecto fônico (som) e

o gráfico (grafia). Daí serem divididos em 1) **Homógrafos heterofônicos** (iguais na escrita e diferentes no timbre ou na intensidade das vogais): - **rego** (substantivo) e **rego** (verbo); **colher** (verbo) e **colher** (substantivo); **vede** (verbo ver) e **vede** (verbo vedar), **apoio** (verbo) e **apoio** (substantivo); **pára** (verbo parar) e **para** (preposição); **providência** (substantivo) e **providencia** (verbo); **ás** (substantivo) e **as** (artigo), **pêlo** (substantivo), **pêlo** (verbo pelar) e **pelos** (contração de per + o). **Observação:** Palavras como as dos cinco últimos exemplos, a rigor não são homógrafos, visto que o acento gráfico desfaz a homografia. Razões de ordem didática, porém, nos levam a incluí-las neste grupo de homônimos. 2) **Homófonos heterográficos** (iguais na pronúncia e diferentes na escrita): - **acender** (atear, pôr fogo) e **ascender** (subir), **consertar** (repara, emendar) e **concertar** (harmonizar); **concerto** (harmonia, sessão musical) e **conserto** (ato de consertar), **cegar** (tornar cego) e **segar** (cortar, ceifar); **apreçar** (marcar o preço) e **apressar** (acelerar), **cela** (quarto pequeno) e **sela** (arreio), **sela** (verbo selar); **censo** (recenseamento) e **senso** (juízo); **cerrar** (fechar) e **serrar** (cortar); **paço** (palácio) e **passo** (andar), **hera** (trepadeira) e **era** (verbo), **caçar** (ato de caçar) e **cassa** (tecido), **cassa** (verbo cassar = anular); **cessão** (ato de ceder), **seção** (divisão, repartição) e **sessão** (tempo de uma reunião ou espetáculo). 3) **Homófonos homográficos** (iguais na escrita na pronúncia): - **caminha** (substantivo), **caminha** (verbo), **cedo** (verbo), **cedo** (advérbio); **somem** (verbo somar), **somem** (verbo sumir), **livre** (adjetivo), **livre** (verbo livrar), **pomos** (substantivo), **pomos** (verbo pôr), **alude** (avalancha), **alude** (verbo aludir)" (p.284).

b) Polissemia:

"Uma palavra pode ter mais de uma significação. A esse fato lingüístico dá-se o nome de polissemia. Exemplos: **mangueira**: tubo de borracha ou de plástico para regar as plantas ou apagar incêndios, árvore frutífera; grande curral de gado; **pena**: pluma, peça de metal para escrever; punição, dó, **velar**: cobrir com

véu; ocultar; vigiar; cuidar; relativo ao véu do paladar. Podemos citar ainda, como exemplos de palavras polissêmicas, o verbo **dar** e os substantivos **linha** e **ponto**, que têm dezenas de acepções. (1) Existe ainda a variante **secção** (latim section, sectionis = corte), que se aplica melhor ao sentido etimológico (corte, amputação). **Sentido próprio e sentido figurado:** as palavras podem ser empregadas no sentido próprio ou no sentido figurado. Exemplos: construir um muro de **pedra** (sentido próprio); Ênio tem um coração de **pedra** (sentido figurado), a água **pingava** da torneira (sentido próprio), as horas iam **pingando** lentamente (sentido figurado). **Denotação e conotação:** observe a palavra em destaque destes exemplos: comprei uma correntinha de **ouro**. Fulano nadava em **ouro**. No primeiro exemplo, a palavra **ouro** denota simplesmente o conhecido metal precioso, dúctil, brilhante, e cor amarela - tem sentido próprio, real, **denotativo**. No segundo, **ouro** sugere ou evoca riquezas, opulência, poder, glória, luxo, ostentação, conforto, prazeres - tem sentido **conotativo**, possui várias conotações (idéias associadas, sentimentos, evocações que irradiam da palavra). Como se vê, certas palavras têm grande poder evocativo, uma extraordinária carga semântica, são capazes de sugerir muito mais do que o designado, desencadeando, conforme a situação, idéias, sentimentos, e emoções de toda ordem. Quantas coisas podem sugerir palavras conotativas como **selva, mar, praia, sol, festa!**" (p 285)

Conceituando **homonímia** e polissemia, Cegalla considera o contexto como característica de significação.

Atribui à **homonímia** a possibilidade de causar ambigüidade, sendo, por isso, uma deficiência dos idiomas.

Em relação aos outros gramáticos trabalhados, Cegalla avança em relação à divisão dos homônimos e, na **polissemia** aborda palavras com sentido próprio e com sentido figurado, enfocando, também, a denotação e a conotação, destacando nesta, grande poder evocativo e extraordinária carga semântica para muitas palavras que, por serem capazes de sugerir muito mais do que o objeto designado, enriquecem qualquer trabalho escolar nessa linha.

Na página seguinte apresentamos o "*resumo comparativo sobre conceitos de homonímia e polissemia nas gramáticas tradicionais (GTs)*".

2. - **Reconstrução do conceito de polissemia**

Polissemia *é o conjunto de possibilidades de significação que os vocábulos apresentam em diferentes contextos, de acordo com a história de um grupo social e a carga cognitiva e emocional dos sujeitos envolvidos no ato da linguagem.*

Ao procedermos a reconstrução acima, levamos em consideração que homonímia e polissemia são fenômenos lingüísticos que apresentam palavras com a mesma forma e diferentes significados. Igualmente, que a distinção é feita porque a polissemia apresenta apenas um significante, um étimo, para vários significados, enquanto que na homonímia, os significantes são dois ou mais, podendo coincidir na forma, mas tendo origem diferente (etimologia). Nesta, são duas ou mais formas fonológicas, cujas significações não se associam.

AUTORES		CARACTERÍSTICAS																
		Contexto	Diacronia/Etimologia	Sincronia	Nº de significantes l(um) 2(dois) ou mais(+)	N- de significados - Cada Vocabulo - Multiplicidade	Campo semântico	Conotação	Denotação	Formas (classes gramaticais que apresentam polissemia)	Figuras de linguagem	Cognitivo/Afetivo	Homófonos	Homógrafos	Perfeitos	Homógrafos heterofônicos	Homófonos heterofônicos	Homófonos homográficos
1. Evanildo Bechara (1970)		X	X	X	X	X												
2. J. Mattoso Câmara Jr. (1978)		X	X	X	X	X												
3. Ernés Barros (1985)		X	X	X	X	X												
4. Rocha Lima (1985)		X	X	X	X	X												
5. Luiz Antonio Sacconi (1986)		X	X	X	X	X												
6. Domingos Paschoal Cegalla (1993)		X	X	X	X	X												
		POLISSEMIA																
1. Evanildo Bechara (1970)		X																
2. J. Mattoso Câmara Jr. (1978)		X																
3. Ernés Barros (1985)		X																
4. Rocha Lima (1985)		X																
5. Luiz Antonio Sacconi (1986)		X																
6. Domingos Paschoal Cegalla (1993)		X																
		HOMONÍMIA																
1. Evanildo Bechara (1970)																		
2. J. Mattoso Câmara Jr. (1978)																		
3. Ernés Barros (1985)																		
4. Rocha Lima (1985)																		
5. Luiz Antonio Sacconi (1986)																		
6. Domingos Paschoal Cegalla (1993)																		

X1= metáfora e metonímia; x2 = metáfora, metonímia e catacrese; x3= catacrese; x*= verbo,adj., conj. e subst.; T= todas

Esta distinção já seria suficiente para percebermos os limites didático-pedagógicos ao trabalharmos a questão do significado. A homonímia está na ordem do léxico, sugerindo atividades que o dicionário ajuda a resolver, enquanto que a polissemia, por apresentar múltiplos valores semânticos, leva em conta as relações entre língua,

cultura e história. Tais relações apresentam uma contribuição maior no que tange ao papel da significação para melhor entendermos o mundo.

Desta forma, concordamos com Ulmann (1964), que declara não ver vantagens positivas na homonímia, afirmando: "é impossível imaginar uma língua sem polissemia, ao passo que uma língua sem homônimos não é apenas concebível: seria, de fato, um meio mais eficiente".

O papel do contexto deve, portanto, ser considerado ponto de partida para o estudo da polissemia, pois, ler é um ato de inteligência, de raciocínio que, aliado ao fator emocional, cultural e social, nos permite a apreensão das diferentes ideologias veiculadas através dos diversos tipos de textos.

Também privilegamos a visão de Orlandi (1988), que amplia o aspecto da polissemia no plano discursivo, sem negar a ocorrência da mesma a nível vocabular e frasal. Ela coloca como polissêmicas todas as possíveis leituras que se possam fazer de um mesmo texto, defendendo a idéia de que cada leitor constrói sua história de leitura.

Tais concepções reforçam a importância da Semântica em abordagens, estudos e aplicação de uma proposta metodológica, no que diz respeito ao **significado**.

Ainda:

"Finalmente, cabe observar que, embora os estudos de natureza semântica ainda não tenham sido aprofundados o suficiente para responder a um grande número de questões cotidianamente formuladas aos campos da pesquisa e do ensino, a ciência da linguagem somente expandirá os limites de suas investigações acerca da natureza de seus objetos - a língua, o texto, o discurso - na medida em que lhe forem propostas questões que atendam a diferentes ordens de reflexão sobre o funcionamento da linguagem " (Zandwais, 1994, p. 06).

3. - Sugestões para abordagens polissêmicas em textos publicitários

Entendemos ser importante para esta sugestão metodológica a reflexão constante de que a linguagem faz parte do nosso cotidiano e, como tal, quaisquer manifestações da língua (ou linguagem) devem ser trabalhadas, em diferentes corpus, para redimensionar visões tradicionais abordadas normalmente através de textos literários em livros didáticos.

É nossa intenção, pois, contribuir para uma pedagogia crítica ao mostrar que, para determinar com maior precisão a questão da polissemia, é necessário deixar de lado formas tradicionais onde tudo ocorre em função do explicar/copiar, partindo para uma visão mais abrangente que faça com que, realmente, o educando "aprenda a apreender" as diferentes possibilidades de sentido construídas a partir da leitura de discursos.

Assim, abordar a pluralidade de discurso de uma sociedade, os modos de discursos que ela mantém sobre si mesma, constitui uma via de acesso ao conhecimento a que nos referimos. Mas, para que a circulação dos mesmos tenha sentido, é necessário que educadores e educandos estejam aptos a manipulá-los e não a serem manipulados por eles.

Para tanto, a teoria da análise do discurso oferece-nos uma metodologia que se alicerça na questão da enunciação e pode ser um dos instrumentos mais valiosos para que consigamos trabalhar o pensamento crítico. Nesse sentido, destacamos, como exemplo, o texto publicitário, pelo seu poder persuasivo e por ser um dos discursos mais difundidos pela mídia. Quanto à prática da análise de tal discurso, devemos ter presente que:

- 1º) ele se inscreve na História e está relacionado às preocupações de uma sociedade;
- 2º) é um texto construído;
- 3º) tem seu jogo ideológico que pode ser desmontado.

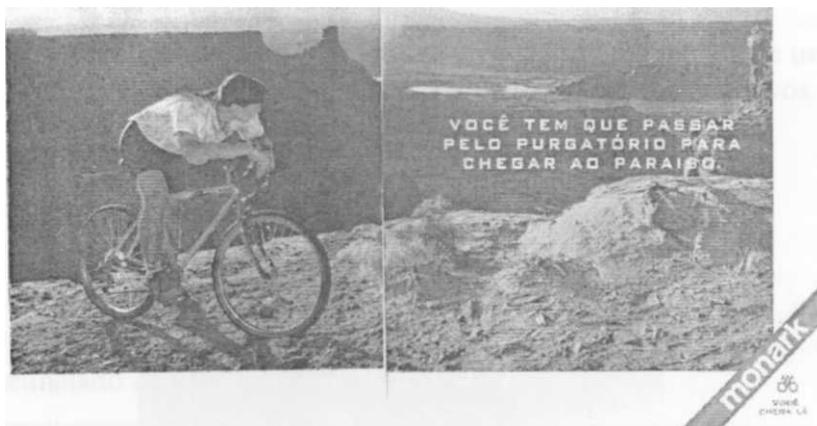
Os educandos devem observar, também:

1º) a retórica dupla do discurso;

2º) a estrutura profunda de todo anúncio: - COMPRE O PRODUTO X OU Y - modificada pela ocultação do verbo comprar;

3º) a relação complementar do texto e da imagem, isto é, o acréscimo de significados que a imagem pode dar ao texto e inversamente.

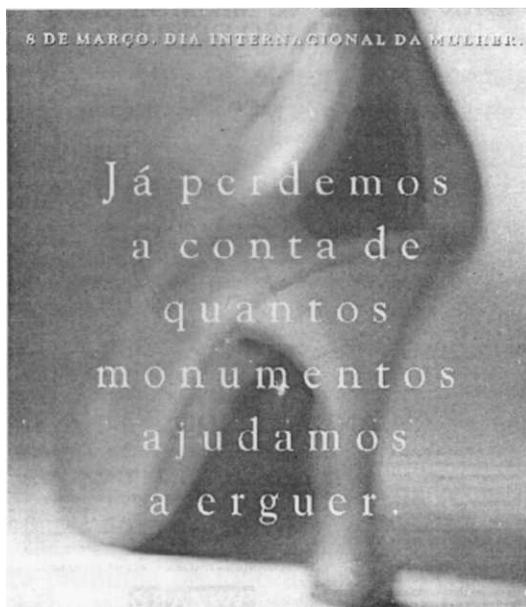
Considerando, então, básicos os conceitos de interação, de processo constitutivo e de confronto de interlocutores no próprio ato de linguagem, oferecemos, a seguir, uma amostragem de prática pedagógica. Salientamos, entretanto, que nossa intenção não é fornecer um modelo, nem esgotar as possibilidades oferecidas pelos textos, mas apenas sugerir possíveis abordagens que poderão ser enriquecidas por aqueles que, oportunamente, terão contato com tal material.



TEXTO Nº 1

1. Quais as palavras que estão contrapostas nesta propaganda?
2. A que significações possíveis a palavra "purgatório" nos remete?
3. De acordo com o enunciado, qual o significado da palavra "paraíso" em relação ao produto anunciado?

4. No texto, o que significa a expressão: "Você tem que passar pelo purgatório..."?
5. O que significa a expressão: "Você chega lá"?
6. Qual é o objetivo do enunciador do texto?
7. Reescreva o enunciado, tornando explícitos os objetivos do autor.



TEXTO Nº 2

1. Qual o sentido da expressão: "Já perdemos a conta...", neste texto?
2. Quais os sentidos que a palavra "conta" pode adquirir em outros contextos?

3. Indique o sentido da palavra "monumento" no contexto da propaganda: "Já perdemos a conta de quantos monumentos ajudamos a erguer".

- a) () construção;
- b) () mausoléu;
- c) () recordação;
- d) () pessoa notável.

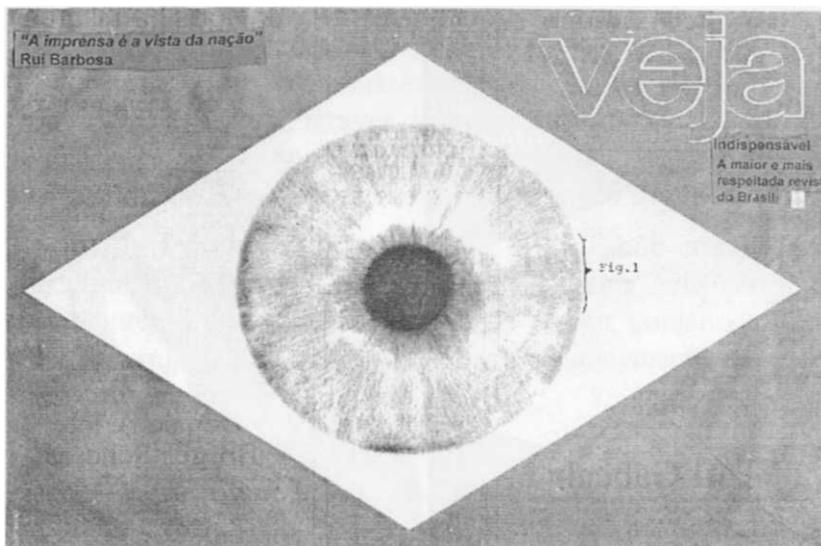
4. Construa frases com os outros sentidos que a palavra "monumento" pode apresentar, em diferentes contextos.

5. Comente a intenção do autor ao usar "monumentos" ao invés de "mulheres".

6. Escreva frases em que a palavra "erguer" adquira mais de um sentido, tendo como referência diferentes contextos discursivos:

- a) Levantar;
- b) elevar;
- c) construir;
- d) fundar;
- e) edificar.

7. Qual a relação entre o "Dia Internacional da Mulher" e o enunciado da propaganda?



TEXTO Nº 3

1. O que significa a palavra VEJA na propaganda?
2. O que significa VEJA com relação:
 - a) a figura 1 da propaganda?
 - b) a figura 2 (o todo) da propaganda?
3. O que significa o enunciado: "A imprensa é a vista da nação".
4. Reescreva a frase de Rui Barbosa, substituindo a palavra "vista" por outras, sem mudar o sentido da mesma.

"A imprensa é a vista da nação".

5. Qual o objetivo do enunciador ao empregar as expressões: "Indispensável" e "A maior e mais respeitada revista do Brasil"?



TEXTO Nº 4

1. Quem são os sujeitos dos enunciados?
2. Qual a ação da Duloren no texto?
3. Qual a intenção do sujeito enunciativo ao colocar Roberta Close como modelo na propaganda?
4. Na expressão "Duloren - Só prazer", qual o vínculo existente entre "Duloren" e "Só prazer"?

4. - Considerações finais

O estudo apresentado no *corpus* deste trabalho tem a vantagem de possibilitar que o leitor consiga vislumbrar uma linha atual das pesquisas sobre os aspectos teóricos e práticos referentes à polissemia, questão esta inerente à linguagem e que, em boa hora, já começa a multiplicar-se entre os professores da Língua Portuguesa. Paralelamente, teve como objetivo esclarecer aos docentes questões de suma importância no que tange ao questionamento: o que é

polissemia?, e de mostrar como a mesma pode ser explorada, através da análise de textos publicitários, ou seja, a maneira como podem ser planejadas as atividades de ensino, utilizando o material criado e distribuído pela sociedade.

Desta forma, acreditamos que a escola pode constituir-se como um espaço do discurso por excelência, a qual contribui diretamente para o redimensionamento do ser humano no seu papel cultural, social e econômico e, conseqüentemente, da sociedade como um todo.

Referências bibliográficas

BARROS, Enéas Martins de. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 36ª ed, São Paulo: Nacional, 1993.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Rev. Técnica da Trad. São Paulo: Pontes, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e Argumentação**. São Paulo: Pontes, 1987.

ILARI, Rodolfo & GERARDI, João Vanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

KEMPSON, Ruth. **Teoria Semântica** Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LEITE, Cilia C. Pereira (Madre Olívia) et alii. **Sintaxe - Semântica - Base para Gramática de Texto**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 25ª ed., Rio de Janeiro: José Olimpo, 1985.

LYONS, John. **Semântica**. Lisboa: Veja, 1975, vol. 1 eD.

__ **Linguagem e Lingüística**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso**. 2ª ed., São Paulo: Pontes, 1987.

__ **Discurso & Leitura**. São Paulo, Cortez, 1988.

PALMER F. R. **A Semântica**. Lisboa: Henrique Torres, 1979.

PAVIANI, Jayme. **Fundamentos da Semântica**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976.

POTTIER, Bernard et alii. **Estruturas Lingüísticas do Português**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nova Gramática - Teoria e Prática**. São Paulo: Atual, 1986.

SITYA, Celestina V. M. **Proposta para o Estudo do Vocabulário - Estudo Polissêmico**. In: Letras RJ - Campus de Frederico Westphalen, ano 1 n° 1, 1992.

ULMANN, Stephen. **Semântica**. 2ª ed., Lisboa: Fundação Calcuete Gulbenkian, 1964.

ZANDWAIS, Ana. In **Curso de Pós-Graduação "Latu Sensu" - Área de Concentração: Leitura, Análise e Produção Textual**. URI - Campus de Frederico Westphalen, 1994

__ **Cadernos do Instituto de Letras** - IL UFRGS, Porto Alegre, dezembro de 1994.